

Diagnóstico sobre *Bullying* em Sete Instituições de Ensino de Mato Grosso.

Data on Bullying in Seven Educational Institutions of Mato Grosso.

Silbene Rosa Paoliello¹; Gilson Pequeno da Silva²; Isabel Cristina Silva³; Raquel Martins Fernandes⁴; Carolina Guimarães Santos⁵

1 Mestrado em Ensino (IFMT), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, silbene10@gmail.com, ORCID 0000-000-9643-453X.

2 Mestrado em Ensino, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, gilsonpequeno@hotmail.com, ORCID 0000-0001-7306-138X

3 Mestrado em Ensino (IFMT), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, isabel.silva@plc.ifmt.edu.br, ORCID 0000-0003-0280-1322

4 Pós-doutorado em Psicologia Social (IFPB), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, raquel.fernandes@blv.ifmt.edu.br, ORCID 0000-0002-0317-5389

5 Bacharel e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestranda em Análise e Modelagem de Sistemas Ambientais- UFMG. Estagiária na Secretaria de Patrimônio da União de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, carolinaguimaraes20@hotmail.com, ORCID /0000-0001-7076-6982

Palavras-chave:

Bullying. Ensino. Violência. Direitos Humanos.

RESUMO: O presente artigo, Diagnóstico sobre o *bullying* em sete instituições de ensino de Mato Grosso, apresenta o levantamento geral da pesquisa *Bullying* Violação dos Direitos Humanos realizada no período de 2016 a 2018 pelo Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. Para a compreensão dos dados, utilizou-se a metodologia qualitativa descritiva. O aporte teórico é composto por Beaudoin (2006), Canário (2006), Velho (1997), Abramovay (2006) entre outros. A análise dos dados revela que o contexto escolar marcado pela diferenciação e recusa do diferente tem conquistado cada vez mais espaço, exigindo políticas educacionais voltadas para a construção de formas de interação baseadas no respeito às diferenças e, conseqüentemente, a criação de um ambiente saudável nas instituições de ensino.

Keywords:

Bullying. Teaching. Violence. HumanRights.

ABSTRACT: This article, Data on bullying in seven educational institutions of Mato Grosso, presents the general data of the Bullying Violation of Human Rights research conducted in the period from 2016 to 2018 by the Humanities and Contemporary Society Research Group of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Mato Grosso. For the comprehension of the data, the qualitative descriptive methodology was used. The theoretical contribution consists of Beaudoin (2006), Canário (2006), Velho (1997), Abramovay (2006) and others. The data analysis reveals that the school context marked by the differentiation and rejection of the different has increasingly conquered space, demanding educational policies focus on the construction of forms of interaction based on respect for differences and, consequently, the creation of a healthy environment in the institutions.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta os dados gerais da pesquisa “Violação dos Direitos Humanos e *Bullying* no contexto escolar: diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos alunos”, realizada pelo Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea- GPHSC/IFMT e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Nº Parecer: 2.110.377). O interesse pelo estudo surgiu a partir da problematização no ambiente escolar e observações informais. O objetivo é de refletir e compreender este fenômeno e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos envolvidos.

Abramovay (2006), quando escreve sobre as violências nas escolas, faz uma reflexão sobre a dialética entre banalização e pânico no ambiente escolar, descreve alguns tipos de violências e analisa alguns fatores que podem contribuir para melhorar a convivência de todos os indivíduos nas escolas.

Nestes tempos, a violência nos parece um fenômeno inédito, recente, mais intenso do que em outras épocas, pois atinge diretamente nossas vidas, o nosso dia-a-dia. Saímos da posição de meros espectadores de violências que costumavam vitimizar o outro, de outra classe, outro gênero, outra raça e que agora nos envolve, forçando-nos a ser atores de um cenário antes tido como distante (ABRAMOVAY, 2006, p.10).

O mundo hoje nos parece mais violento porque muitos atos de agressões antes não eram descritos como violentos e eram toleráveis. A violência era naturalizada, aceitável. Abramovay (2006) considera como violência toda e qualquer manifestação de agressão que se faça referência a “culturas de violências” nas relações sociais que se dão inclusive, nas escolas. Considera, ainda, a escola em si, e não concorda com o discurso que estão somente reproduz processos gerais, refletindo um discurso da violência generalizado que teria origem fora das escolas.

Nessa perspectiva, a pesquisa não retirou a escola do contexto social, a coleta de dados ocorreu mediante a realização de entrevistas, realizadas no ambiente escolar e questionário com perguntas abertas e fechadas, que foram disponibilizados por meio digital no google-drive, respondidos on-line e de forma completamente anônima, por alunos do Ensino Médio de escolas públicas e particular de Cuiabá e, também, por alunos do Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT de Cuiabá e de outras regiões do estado.

Participaram dessa pesquisa, sete instituições de ensino sendo quatro *campi* do IFMT – Campus Pontes e Lacerda, Campus São Vicente, Campus Bela Vista, Campus Sinop –duas escolas estaduais – Escola Estadual Antônio Epaminondas e Escola Estadual Professora Eliane Digigov Santana e uma escola particular – Sesi Escola Cuiabá.

Segundo pesquisadores do Grupo de Pesquisa é fundamental divulgar os resultados desta pesquisa a toda comunidade escolar e há necessidade de se desenvolver ações em conjunto para o combate e prevenção deste problema que atinge nossas escolas.

É importante salientar que os dados aqui apresentados são resultantes do trabalho de vários pesquisadores, de diversas áreas (afim) com o objetivo de construir um diagnóstico de compreensão e prevenção do *bullying* nos mais variados contextos educacionais. A coleta de dados foi realizada por um grupo de pesquisadores, tabulados e analisados por outro grupo de pesquisadores, com as mais variadas áreas de formação, o que possibilitou compreender o *bullying* por diversos ângulos.

Os resultados da pesquisa permitiram/permitirão fomentar discussões sobre os temas abordados, entre os próprios pesquisadores, entre as instituições pesquisadas e com a comunidade escolar, mostrando a possibilidade de construção de referenciais e atividades interdisciplinares, multidisciplinares e transversais que propiciem um melhor entendimento de como combater os malefícios do *bullying* no ambiente educacional.

Rui Canário na sua obra sobre *a crise na educação*, afirma que as práticas educativas devem valorizar a função crítica e emancipatória dos indivíduos e sugere transformar a escola num lugar que desperte o prazer pela política, onde o aluno tome posse de seu lugar na sociedade e seja autor de sua própria história (CANÁRIO, 2006, p. 80).

A Lei 13.185, de 6 de dezembro de 2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) em todo o território nacional, que não foi criada com o objetivo de punir, mas sim de manter uma cultura de paz dentro das escolas para prevenir e evitar esse tipo de violência, considera intimidação sistemática (*bullying*) como:

... Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas, quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda: ataques físicos, insultos pessoais, comentários sistemáticos e apelidos pejorativos, ameaças por quaisquer meios, grafites depreciativos, expressões preconceituosas, isolamento social e premeditado e pilhérias. Diz ainda no Art. 2, parágrafo único que há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial (BRASIL, 2015).

O artigo 3º da Lei de Intimidação Sistemática categoriza seis tipos de *bullying*, sendo: **Físico**, que consiste em bater, beliscar, ferir, empurrar, agredir; **Verbal**, que é apelidar, gozar, insultar; **Psicológico/Moral**, que consiste em intimidar, ameaçar, perseguir, ignorar, aterrorizar, excluir, humilhar, difamar, caluniar, discriminar, tiranizar; **Material**, que consiste em roubar, destruir pertences materiais e pessoais; **Virtual**, que implica em insultar, discriminar, difamar, humilhar, ofender por meio da Internet e/ou aparelho celular; e o **Sexual**, que conceitua como abusar, violentar, assediar, insinuar (BRASIL, 2015).

Silva (2019) traz o desdobramento desses seis tipos de bullying existentes, (físico, verbal, psicológico, material, sexual e virtual) e considera que todos se assemelham no que concerne violar a integridade do outro.

No entendimento de que algumas ações têm implicações mais amplas é que Silva (2019) em sua dissertação de mestrado apresenta a proposta do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea (GPHSC) de acrescentar os vários tipos de categorias de *bullying* que se entrecruzam com outras formas de violência escolar, tornando mais específicas em sua identificação (Figura 1).



Figura 1 – Violência Escolar e os tipos de Bullying.

Fonte: SILVA, 2019, p. 66.

A violência escolar pode ser simbólica e psicológica ao mesmo tempo quando um estudante insulta o outro devido à sua característica física, por exemplo. Essas nuances são importantes para a compreensão de que esses atos não podem ser banalizados ou naturalizados.

Silva (2019) salienta que conforme as conceituações, nem toda violência é considerada *bullying*, porém todo *bullying* é uma forma de violência. Apesar de ambos serem um ato de brutalidade, incivilidade e causar dor e sofrimento à vítima, o *bullying* se diferencia por suas características peculiares, como repetição, intencionalidade, por não ter motivação aparente e por haver desequilíbrio de poder, pois normalmente a vítima não tem condições para se defender.

Fante (2012), por sua vez, define o *bullying* como o desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob pressão; segundo a autora, esse termo descreve comportamentos agressivos e antissociais, que estão diretamente relacionados com o problema da violência no contexto escolar.

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela leitura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar (FANTE, 2012, p. 27).

A intimidação sistemática de acordo com Mota (2017) traz graves consequência para o desenvolvimento dos estudantes e, ainda, dificulta a interação e socialização deles no ambiente escolar. Nessa perspectiva, o envolvimento em situações de *bullying*, pode causar prejuízos físicos, psicológicos e sociais profundos, a curto e a longo prazo. Entre os prejuízos causados por esse fenômeno estão, por exemplo, problemas de autoestima e de relacionamento. A vítima pode não conseguir mais (PEQUENO DA Silva et al., 2019) se socializar nos grupos sociais e apresentar dificuldades na aprendizagem. Para alguns alunos, vítimas de *bullying*, ir à escola pode tornar-se extremamente desagradável, já que eles são ignorados, impedidos de participar de atividades em grupo, seus objetos são furtados, são alvos de piadas, xingamentos, ou ainda são agredidos fisicamente das mais variadas formas. Além disso, agressões sofridas por eles dentro do ambiente escolar, geralmente, nunca chegam a ser comunicadas à direção das instituições de ensino.

METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, realizou-se pesquisa qualitativa - descritiva e interpretativa em educação (MOTA et al., 2017), efetivando-se, de acordo com os procedimentos, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Segundo Deslandes (1994), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, representações, valores e atitudes”, ou seja, é o estudo do mundo dos significados das ações e relações humanas, não tão perceptíveis e não tão captáveis com outro método de pesquisa. Assim, essa metodologia de pesquisa concebe a linguagem, as práticas e os objetos inseparáveis, pois procura trabalhar com a vivência, com a experiência, com o dia a dia, com a compreensão das estruturas e instituições como resultantes da ação humana. Nesse caso, Deslandes (1994), ao professar os pensamentos de Lévi-Strauss (1975, p. 215), argumenta que:

A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, que os torna solidariamente imbricados e comprometidos (DESLANDES, 1994, p.14).

O estudo fenomenológico, proposto por Husserl (1973) foi realizado nesta pesquisa como descrição direta da experiência real, dessa forma, não são produzidas verdades ou encontram essências, no entanto, os pesquisadores são capazes de interpretar a inter-relação das intencionalidades dos sujeitos estudados no contexto social que estão inseridos.

Trata-se de um estudo fenomenológico e a abordagem adotada será qualitativa com enfoque exploratório e descritivo, preocupando-se em mostrar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação, uma vez que a realidade é sempre complexa. O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões "como" e "por quê" certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real (GODOY, 1995, p. 25).

A pesquisa foi desenvolvida no período de agosto de 2016 a agosto de 2018 com alunos do Ensino Médio. O instrumento de coleta de dados foi um questionário disponibilizado de forma on-line, através do google-drive, permitiu aos estudantes maior comodidade para participarem da pesquisa, pois puderam responder em diversos espaços como: casa, escola e smartphone, composto por 13 questões, sendo 11 objetivas e 2 subjetivas (Quadro 1).

Quadro 1 - Descrição do questionário.

Número da Questão	Descrição
1 a 8	Dados do aluno sujeitos da pesquisa
9 (composta por 22 sub- itens)	Tipos de <i>bullying</i>
10 a 12	Perfil dos sujeitos envolvidos no processo (questão 10 – subjetiva)
13	Sugestões para o combate ao <i>bullying</i> (subjetiva)

Fonte: elaborado pelo autor, 2019.

As perguntas do questionário têm como perspectiva, compreender o sujeito, suas opiniões e as suas expectativas enquanto seres humanos no contexto escolar. Entender, assimilar determinados comportamentos e estranhar o familiar são procedimentos importantes para provocar a reflexão. Segundo Velho (1997, p. 131), “o processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos”. Esse apontamento vem corroborar com as diferentes visões de um mesmo objeto da pesquisa transdisciplinar que é heterogênea e plurifacetada.

Os métodos de coleta de dados usados na pesquisa qualitativa incluem observação, entrevistas individuais, grupais e questionários que segundo Bauer e Gaskell (2003), são elementos balizadores para imergir no cotidiano praticado. A linguagem e as práticas do

cotidiano são inseparáveis. Os pesquisadores procuraram trabalhar com a vivência, com a experiência, com o dia a dia, com a compreensão das estruturas e instituições como resultantes da ação humana.

A estrutura multidisciplinar do grupo, formado por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, permitiu fazer recortes de um mesmo sujeito pesquisado e uma compreensão interdisciplinar do mesmo, isto é, a compreensão dos fenômenos está ligada à complexidade com que o real se manifesta na existência humana.

Segundo Mota (2017), o foco do grupo pesquisador é uma “práxis transformadora” e a pesquisa qualitativa transdisciplinar, que de acordo com Galeffi (2009), a epistemologia transdisciplinar é heterogênea e plurifacetada o que permite aos pesquisadores interpretar a inter-relação das intencionalidades dos sujeitos estudados compreendendo muitos níveis diferentes de tratamento a partir da definição lógica de seu próprio objeto. E, ainda, segundo Galeffi (2009), uma característica específica que distingue uma pesquisa qualitativa articulada fenomenologicamente e torcida transdisciplinarmente é:

A consciência do pesquisador em relação à fragilidade (...) para poder vir a constituir-se em fortaleza e poder agir livremente, pelo discernimento correto, que é sempre um termo indeterminado, mas que designa um critério alcançável pela prática e pela experiência própria de indivíduos. (GALEFFI, 2009, p. 43-44)

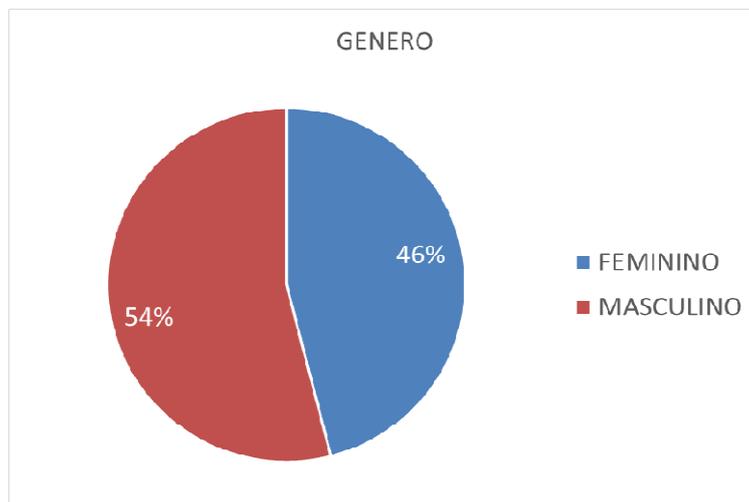
André (1995) por sua vez, define a pesquisa qualitativa como “o estudo do fenômeno em seu acontecer natural”, levando em consideração todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. Isso fortalece a fundamentação teórica da pesquisa qualitativa para o estudo de diagnóstico da prática de *bullying* e de intervenção em contexto escolar.

Após aplicação das técnicas de coleta de dados, os mesmos foram organizados, sistematizados e analisados pelos componentes do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea (GPHSC).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao iniciar-se a apresentação e análise dos dados, começa-se pela quantidade de questionários - 634 acessados e 616 respondidos com êxito. Desses 616, 54% (cinquenta e quatro por cento), corresponde ao sexo masculino e 46% (quarenta e seis por cento), ao sexo feminino, conforme gráfico 1.

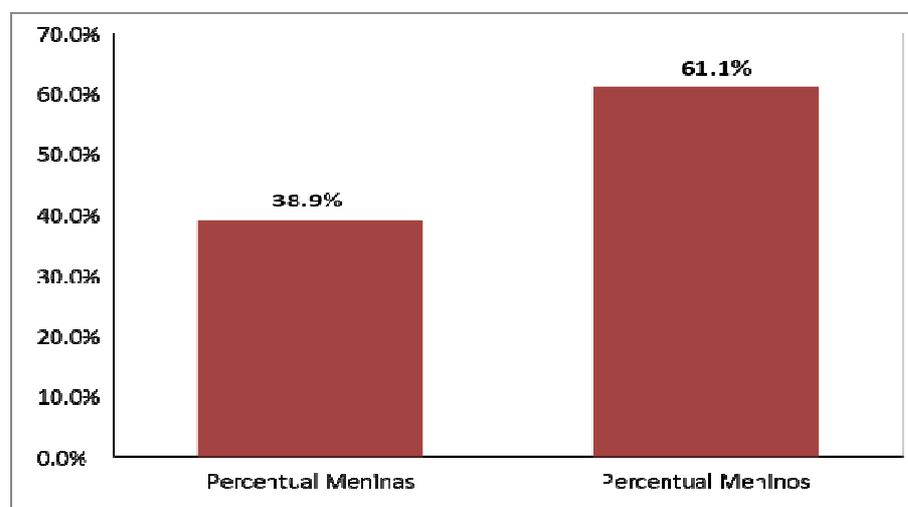
Gráfico 1 – Gênero.



Fonte: Silva, 2018.

Ainda sobre gênero, nota-se alto índice de violência entre os meninos (tanto vítimas, como agressores) (Gráfico 2) e isso pode ser caracterizado como uma questão cultural, já que no Brasil os discursos patriarcais internalizam pressupostos de que os meninos precisam ser fortes e demonstrar tal força (BEAUDOIN&TAYLOR, 2006). Esses discursos podem ser incentivadores do *bullying* e da violência nos ambientes escolares.

Gráfico 2 - Já teve seus direitos violados na sua escola atual. Questão 10 (Gênero).

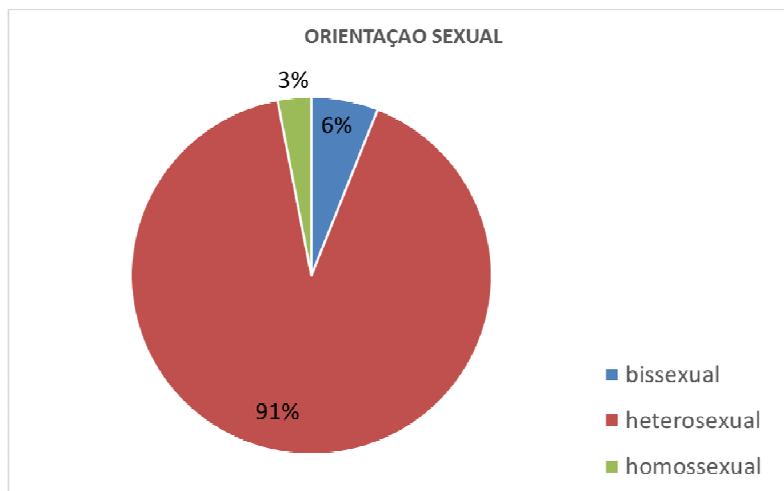


Fonte: Silva, 2018.

Nos dados coletados ficou evidente que a maioria dos participantes da pesquisa que disseram ter sofrido violação de seus direitos no ambiente escolar estão matriculados em escola particular (51,85%). Os casos de *bullying* neste perfil de escola acontecem, principalmente, em relação aos objetos materiais. O fato deles supostamente receberem um maior esclarecimento sobre o próprio *bullying* pode elevar esse índice e também justifica o baixo índice nas escolas federais que já possui a cultura de inclusão social (Gráfico 3). Outro

fator que deve ser considerado é o número de alunos da instituição particular que é menor e o contato em maior proximidade pode levar a maior incidência do *bullying*.

Gráfico 3 - Orientação sexual



Fonte: Silva, 2018

As agressões verbais aparecem com os maiores percentuais. Dentre elas, os apelidos que tiveram (48%), os insultos devido às características físicas (48%) e dizer coisas negativas sobre a pessoa ou a família (34%). Dentre as perguntas, uma das que apresenta o maior número de ocorrências de respostas é a questão 9 sobre “apelidos vergonhosos”. Os *campi* do IFMT lideram quantitativamente as respostas “muitas vezes” (Tabela 1).

Tabela 1 - Colocam-me apelidos vergonhosos. Questão 9, letra B – Local

Local	Nenhuma vez	Algumas vezes	Muitas vezes	Total
Escola Estadual Antônio Epaminondas (eae)	19	28	2	49
Escola Estadual Professora Eliane Digigov Santana (eds)	1	5	4	10
Escola particular – Sesi Escola Cuiabá (ses)	17	10	0	27
IFMT – Campus Bela Vista (blv)	74	46	10	130
IFMT – Campus Pontes e Lacerda (ptl)	68	51	17	136
IFMT – Campus São Vicente (svc)	76	57	14	147
IFMT – Campus Sinop (snp)	67	38	12	117
TOTAL	322	235	59	616

Fonte: elaborado pelo autor, 2019

Sobre o resultado do alto índice de agressões verbais, devemos ressaltar que ele merece tanta atenção quanto à violência física, visto que elas podem causar danos psicológicos irreversíveis à vítima. Em relação às características físicas, dos 616 alunos

pesquisados, 82 alunos já sofreram “algumas vezes” e 20 alunos sofreram “muitas vezes” agressões verbais devido à cor deles ou raça (Quadro 2).

Quadro 2: Fazem piada ou insultam-me por minha cor ou minha raça. Questão 9, letra N

Gênero	Nenhuma vez	Algumas vezes	Muitas vezes	TOTAL
Feminino	248	32	6	286
Masculino	266	50	14	230
TOTAL	514	83	20	616

Fonte: elaborado pelo autor, 2019

A violação dos direitos humanos, em relação à orientação sexual, teve baixo percentual, contudo, precisa ser analisado detalhadamente, visto que alguns alunos, 19 já sofreram algum incômodo por não fazerem parte do grupo majoritário de heterossexuais. Alguns (2) ainda, que se declararam heterossexual, também dizem ter sido humilhados “muitas vezes” devido à sua orientação sexual, o que pode representar incoerência na resposta inicial sobre sua orientação sexual ou outro tipo de violação sofrida (Quadro 3).

Quadro 3: Humilham-me por minha orientação sexual. Questão 9, letra S

Orientação	Nenhuma vez	Algumas vezes	Muitas vezes	TOTAL
Bissexual	20	11	2	33
Heterossexual	519	7	2	528
Homossexual	10	3	3	16
Pansexual	1	0	0	1
Transexual	1	0	0	1
TOTAL	551	21	7	579

Fonte: elaborado pelo autor, 2019

Os resultados dos dados coletados sobre a violência sexual no ambiente escolar enquanto *bullying* nos apresentam uma característica peculiar que contraria a literatura, pois apresentam um número maior de vítimas sexuais do sexo masculino (Quadro 4).

Quadro 4: Assediam-me sexualmente. Questão 9, letra U.

Gênero	Nenhuma vez	Algumas vezes	Muitas vezes	TOTAL
Feminino	262	18	6	286
Masculino	302	17	11	230

TOTAL	564	35	17	616
--------------	-----	----	----	-----

Fonte: elaborado pelo autor, 2019

Apesar de se sentirem como protagonistas sociais, visando uma geração mais humana, alguns adolescentes acreditam que para acabar com o *bullying*, combater a violência é necessário usar de mais violência. Os pesquisadores perceberam que há um contraste de discursos e que infelizmente, não está apenas entre os estudantes, mas disseminado na sociedade moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados nos permitiu uma compreensão panorâmica do contexto das instituições envolvidas na pesquisa e evidenciou a diferenciação de identidades étnicas, de gênero, religiosas, linguísticas, formas sistemáticas de violência e recusa do diferente. Com isso, percebemos a necessidade de implantação de políticas públicas educacionais voltadas para a construção de formas de interação baseadas no respeito às diferenças, pois os malefícios que o *bullying* traz para vida dos agressores e vítimas podem resultar em consequências graves, uma vez que este pode interiorizar a ideia de que somente através do uso da violência é que se torna possível a resolução de conflitos. Isso acontece porque as agressões podem afetar o equilíbrio mental do indivíduo.

É importante formar cidadãos que respeitem as diferenças, com consciência de seus direitos e deveres, por isso a escola necessita tornar-se um espaço de diálogo, de enfrentamento de situações de preconceitos e discriminações e qualquer tipo de violência. Para isso, o corpo docente e profissionais da área educacional, devem participar de capacitações e estudos, para que estes possam contribuir para o enfrentamento dessas situações de violência, só assim poderão desenvolver juntos mecanismos de combate ao *bullying* com palestras e projetos que envolvam diversos profissionais com intuito de criar condições saudáveis de educação e que possibilitem aos alunos a emancipação e o empoderamento no exercício de seus direitos à educação, cultura e cidadania.

A institucionalização de valores apresentada nos resultados da pesquisa permitiu o início de uma práxis transformadora acerca da violação dos direitos humanos e ao *bullying*. Outras vivências precisam ser proporcionadas e experimentadas pelas crianças e adolescentes, com o intuito de estimulá-los a tomarem posse de seus direitos como sujeitos transformadores da sociedade em que vivem.

De modo geral, os pesquisadores Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea afirmam que as respostas obtidas a partir do questionário são suficientes para

formar uma compreensão do quadro geral (e inicial) das práticas do *bullying* no contexto escolar. No entanto, para uma análise mais profunda e com detalhamento dos sentidos e significados que estas assumem no ambiente escolar e nas interações cotidianas na sociedade brasileira, são necessárias observações de campo das formas cotidianas de interação entre os alunos e entrevistas abertas com os praticantes e vítimas das violências no contexto escolar.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRE, Maria Elisa D. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus. 1995.

BAUER, Martin W. & ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. *In*: BAUER, Martin W. & GASKEL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, p.17 – 36, 2003.

BAUER, Martin W. & GASKEL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie, TAYLOR, Maureen. **Bullyng Desrespeito**: como acabar com essa cultura na escola. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed. 2006.

BRASIL. Lei 13.185, de 6 de dezembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) em todo o território nacional. **Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 09.11.2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acesso em 01.out.2018.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro? Das promessas às incertezas**. - Porto Alegre: Artmed, 2006

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 7. ed. Campinas: Verus, 2012.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa**: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n.3, mai/jun. 1995.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Edições 70. Lisboa – Portugal. S/D. Título original: Die Idee der Phänomenologie (Band II Husserliana) Martinus Nijhoff, 1973.

MERLEAU-PONTY, M. (1999). **Fenomenologia da percepção** (C. A. de Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945).

MOTA, Raquel Martins Fernandes, et al. **Sociedade contemporânea**: convivência global e violência escolar. *In IV Congresso Nacional de Educação 2017*, Brasil, PB, João Pessoa.

MOTA, Raquel Martins F.; et al. **Pesquisa qualitativa em Educação**: estudos transdisciplinares do Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT (GPHSC-IFMT). *Indagatio Didactica* / ISSN: 1647-3582 / vol. 9 (3), novembro 2017, pp. 79-98. <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/6056>

OLIVEIRA, Paulo Alves; MOTA, Raquel Martins F. **O Bullying e o ensino-aprendizagem agropecuário: vivências e cotidianidades.** In *IV Congresso Nacional de Educação 2017*, Brasil, PB, João Pessoa.

PEQUENO DA SILVA, G.; SILVA, G. P.; FERNANDES, R. M.; MORIEL JUNIOR, J. G. Bullying e violência no ambiente escolar: uma revisão de literatura no período de 2015-2019. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 13, p. e860, p. 1-8, 2019. Disponível em: <http://https://doi.org/10.25248/reas.e860.2019>. Acesso em 20.jun.2019.

SILVA, G. P.; LOPES, SILVA, I. C.; MOTA, R. M. F. Panorama geral da pesquisa “Violação dos **Direitos Humanos e Bullying no contexto escolar**” do Grupo de Pesquisa em **Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT**. In: *Semmmiedu2018*, 2018. Cuiabá, MT.

SILVA, G. P.; LOPES, D. R. S.; ALMEIDA, R. M.; MOTA, R. M. F. **Bullying e Direitos Humanos: um diagnóstico da Escola Estadual Antônio Epaminondas**, Cuiabá, MT. In: *IV Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão – JENPEX*, 2018.

SILVA, Vanessa C.G, *et al.* **Violação dos direitos humanos e Bullying no contexto escolar: uma realidade que precisa ser enfrentada.** In *Anais*, Seminário de Educação 2016, Cuiabá: *Semiedu2016*. Recuperado a partir de <http://srvdotnet.com.br/semiedu2016/FrmAnais.aspx?eventoUID=117>

SILVA, V.C.G. **Ensino de Matemática, Ciências Naturais e suas Tecnologias.** Tese Mestrado em Ensino Associação Ampla- Instituto Federal de Mato Grosso, Cuiabá, p. 70-71. 2019.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar.** In: *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

SOBRE OS AUTORES

AUTOR 1. Mestrado em Ensino pelo Instituto Federal de Mato Grosso, Pesquisadora cadastrada na Plataforma Brasil e participante do Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT. Graduação em Letras - Inglês pelo Centro Universitário de Várzea Grande (2005). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas. Trabalhou como Coordenadora de Bilinguismo, Coordenadora de Projetos, Coach Pedagógica, Palestrante Educacional, Formadora EAD. E, atualmente, está no Projeto Bilíngue do Sesi/MT.

AUTOR 2. Mestrado em Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT). Especialização em Gestão na Educação Pública pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (2006). Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de Cuiabá - UNIC (2002) e em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (2005). Pesquisador cadastrado na Plataforma Brasil e participante do Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT. Professor da Educação Básica no Município de Várzea Grande e na Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer do Estado de Mato Grosso.

AUTOR 3. Graduação em Letras (2003), com habilitação em Português, Inglês e respectivas literaturas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Possui graduação em Administração Pública (2016), pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Uab Unemat). É Pós-graduada em Gestão Pública (2013), pela Faculdade Educacional da Lapa. Possui

Proficiência em Língua Inglesa (2017), pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). É assistente administrativo no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT- tendo atuado também nos Programas do Governo Federal - Pronatec e Mulheres Mil. É Mestre do Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGEn - IFMT/UNIC.

AUTOR 4. Pós-doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (2019), possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999), mestrado (2003) e doutorado (2012) em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. É professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, campus Cuiabá Bela Vista, e do Mestrado em Ensino Associação Ampla UNIC/IFMT. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Teoria do Conhecimento, Filosofia da Educação e Direitos Humanos, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, fenomenologia, teoria do conhecimento, epistemologia, transdisciplinaridade, ética, ética e educação ambiental, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes, violência escolar, bullying, espiritualidade e cristianismo.

Submetido em 06/09/2019

Aprovado em 20/12/2020

Publicado em 30/12/2020